

*Carolina Maria de Jesus – de Bitita a Quarto de  
Despejo: enunciações dissonantes e as marcas  
de um discurso político*

Carolina Maria de Jesus - from *Bitita to Child of the Dark*:  
dissonant enunciations and the marks of a political discourse

Janaína da Silva Sá

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148531331>

**Resumo:** Esta análise visa à compreensão da obra da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, cujo embate primordial está em se conceber um novo espaço de enunciação para discursos tidos, até há pouco tempo, como inexpressivos, e que, por conta desse juízo de valor, *desapareciam* ou eram *negligenciados*. A escritura dessa autora aponta para uma ressignificação das mentalidades e para um novo entendimento de valores significativos de nossa formação histórico-cultural, ressaltando um discurso político, uma vez que desvela as peculiaridades de um povo que tem, em sua matriz, o estigma da diversidade étnica.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Discurso. Enunciação. Político.

**Abstract:** This analysis aims to understand the work of the female writer Carolina Maria de Jesus, whose main challenge lies in conceiving a new space of enunciation for discourses that until recently were inexpressive and, because of this value judgment, they disappeared or they were neglected. The author's writing points to a re-signification of the mentalities and a new understanding of significant values of our historical-cultural formation, highlighting a political discourse, since it reveals the peculiarities of a people that has, in its matrix, the stigma of ethnic diversity.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus. Discourse. Enunciation. Political.

## 1. Contextualização

A insurgência do nome da escritora Carolina Maria de Jesus, no cenário cultural brasileiro, na segunda metade do século passado, revela a possibilidade de se discutirem produções artísticas que circundam o campo literário nacional e promove que esses debates estendam-se e ganhem maior força nas discussões, tanto as acadêmicas quanto as promovidas dentro de grupos ditos minoritários<sup>1</sup>.

Desde o lançamento de *Quarto de despejo* (JESUS, 1960), obra de amplo alcance editorial, o nome da escritora mineira vem sendo trazido à discussão por diversos fatores. Um deles é reforçado, primordialmente, pela curiosidade que a obra detinha como relato do mundo da favela, fato que, na época, motivou o grande sucesso de vendas. Outro possível olhar dado à obra, certamente mais pormenorizado, estaria na análise do discurso do subalterno, que ganhou vulto a partir da década de 1950, oportunizando revelar outros sujeitos de enunciação, que comungam com uma nova perspectiva dentro das correntes do pensamento crítico ocidental. Portanto, para esta análise, faz-se necessário o entendimento sobre esse tipo de discurso dissonante e sobre o papel da linguagem na articulação de tal discurso, o qual não deixa de ser político.

Minha discussão consiste em entender o lugar que Carolina Maria de Jesus ocupa dentro dessa totalidade crítica e como seu discurso interpõe-se em um espaço dialógico que lhe é nitidamente negado: “eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perda de tempo” (JESUS, 1960, p. 23).

Carolina é a figura nômade e transeunte que se desloca de uma paisagem rural, como Sacramento, no estado de Minas Gerais, e parte para alcançar o sonho dourado de crescer e desenvolver-se em uma cidade promissora e progressista, como São Paulo. Nessa investida, há um vetor que se delinea a partir de dois pontos pretensos para minha discussão: 1) Em *Diário de Bitita* (1986), revela-se a noção *idílica*<sup>2</sup> do passa-

1 Minoritários: entende-se aqui a definição de grupos minoritários por aqueles grupos que suscitam determinada discussão, motivados por diferenças sexuais, raciais, culturais, éticas, seguindo a concepção de Stuart Hall, no livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (HALL, 2009).

2 Utilizo *idílico* no sentido proposto por Mikhail Bakhtin (2010), o qual faz o uso do termo ao se referir ao cronotopo *idílico*, no romance, como aquele que cuida da restauração do complexo antigo e do tempo folclórico. Em *Diário de Bitita* (1986), penso haver a predominância do *idílio* familiar, pois a relação particular do tempo com o espaço remete-se para um tempo feliz junto à composição da família na pequena cidade de Sacramento.

do, em que se compõe o universo da infância até a adolescência, fase na qual se apresentam possibilidades de trabalho e começa-se a formular um ideário de vida na cidade grande; 2) Em *Quarto de Despejo* (1960), a narradora compreende a sua relação com um mundo disposto a arremessá-la para fora das possibilidades de existência. A partir da análise das duas obras, considero haver a instauração de uma saga que se irá constituindo por uma trajetória errante.

A partir desses dois pontos fixos, considero que o discurso da autora, em ambas as obras, articula-se como um novo espaço de interlocução dado ao novo sujeito de enunciação. O ponto crucial de minha análise persiste em avaliar esse vetor, em que se expõe o percurso/trajetória da escritora, observando as repercussões de adesão/obliteração desse indivíduo, considerando-o parcela da formação étnica brasileira, e como esse discurso prolifera-se e/ou arrefece-se nos círculos de debates das letras nacionais.

Acredito que seu discurso estabelece outro espaço de enunciação, pois a noção de indivíduo acrescentada por sua narrativa é da ordem daqueles seres que vivem no limiar de uma fronteira, pois residem em um lugar em que é preciso demarcar suas presenças para que se façam sentir, notar-se. Segundo Homi Bhabha (2013, p. 20), “encontramo-nos no momento de trânsito em que o espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”.

Diante desse posicionamento, acredito que Carolina Maria de Jesus insere-se, por diversos fatores, como uma *figura complexa de diferença e de identidade*, pois evidencia um novo modelo discursivo que esteve longe dos seres enunciativos reconhecidos dentro daquilo que se denomina cânone. Para tanto, acredito que as marcas discursivas, nas duas obras analisadas, trazem a público um discurso revelador, dotado de significação, portanto, preche de sentido político.

Primeiramente, o título da obra *Quarto de Despejo* já insinua a abrangência desse indivíduo que produz o seu próprio ato enunciativo. A carga de significação do substantivo “despejo” traduz o local de pertencimento, ou de não pertencimento, do sujeito da enunciação. Remete, portanto, à ideia de um sujeito desmerecido, extorquido, rasurado para fora do convívio entre os cidadãos. A projeção possível que esse indivíduo alcança é a de uma alocação onde serão depositados os expurgos, os restos; portanto, representa um objeto a ser descartado, despejado.

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

231

O discurso da autora manifesta, também, a existência de uma *figura complexa de diferença e de identidade*, diante da situação do epíteto da obra – “Diário de uma favelada”. Aqui, há o embate em que se denuncia a categoria social que representa:

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já me habituei a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 1960, p. 16).

Carolina sonha com um mundo que não é o seu por pertencimento. No decurso da obra *Quarto de Despejo* (1960), expõe-se o espaço que ela habita – a favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Penso que a formulação identitária desse indivíduo aloca-se por espaços deslizantes que compreendem uma trajetória de exílio cultural e social, que se manifestam pelas imposições desse meio.

Diante dessa contenda, retomo a questão da integração do negro brasileiro na sociedade de classes, cujo vetor sobressai-se a partir dos estudos de Florestan Fernandes (1965), sociólogo e político. Em seu trabalho, o autor analisa a posição que esses indivíduos ocupam, tomando como referência as nossas heranças histórico-culturais, demonstrando que essas disposições não são pacíficas e tampouco estão resolvidas. Em relação ao estudo que ele propõe, revela-nos:

Em sentido literal, a análise desenvolvida é um estudo de como o Povo emerge na história. Trata-se de assunto inexplorado ou mal explorado pelos cientistas sociais brasileiros. E nos aventuramos a ele, através do negro e do mulato, porque foi esse contingente da população nacional que teve o pior ponto de partida para a integração ao regime social que se formou ao longo da desagregação da ordem social escravocrata e senhorial e do desenvolvimento posterior do capitalismo no Brasil (FERNANDES, 1965, p. 11).

Nesse procedimento de análise, Florestan Fernandes, ao analisar os diferentes níveis de organização social brasileira frente à urbanização, ocorrida especificamente no final do século XIX e no

primeiro triênio do século XX, em São Paulo, registra um forte favorecimento da industrialização e a derrocada do setor agrário. Segundo o autor,

[o] fazendeiro deixa de ter importância como figura dominante específica e a primazia do jogo econômico passa, gradualmente, para as mãos do capitalista típico, instalado na “grande cidade” (FERNANDES, 1965, p. 103, grifo do autor).

Em *Diário de Bitita*, narrativa que compreende as lembranças da infância em Sacramento (MG), evidencia-se o evento dessa mudança, em que se manifesta a derrocada do capital agrário e a ascensão do capital industrial, promovendo o êxodo que provocou a saída de Carolina Maria de Jesus da vida da fazenda para tentar a sorte na cidade grande. Penso haver, aqui, a projeção dessa *figura complexa de diferença e de identidade*, pois ela interpõe-se junto à classe trabalhadora, mesmo não sendo considerada partícipe dela, como mão de obra provável:

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando. – É o fim do Brasil, porque agora nós vamos para as cidades e vamos ser consumidores, será uma minoria que irá produzir para uma maioria consumir (JESUS, 1986, p. 26).

Outra perspectiva de análise que Florestan Fernandes revela está na questão do favoritismo do trabalhador estrangeiro (imigração) em alcançar muitas frentes de trabalho, deixando para os negros somente aquelas ocupações associadas ao regime servil, como no caso a seguir:

Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil-réis. Levava-me com ela. Eu ficava sentada debaixo dos arvoredos. O meu olhar ficava circulando através das vidraças olhando os patrões comer na mesa. E com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos (JESUS, 1986, p. 27).

A narrativa de Carolina interpõe-se dentro dessa compreensão de viver no limiar de uma fronteira. Seu discurso explora o viés da

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

233

queles que não tinham voz nem vez, estando alocados à margem do processo democrático e social, denunciando, assim, como a linguagem prenuncia questões que envolvem o estatuto político e econômico de um povo. O sociólogo Fernandes reitera essa não adesão do negro aos meios de produção da época, nos seguintes termos:

As posições criadas pelo trabalho assalariado, graças à expansão urbana e à industrialização, caíam na esfera em que era mais intensa e dura a concorrência com os elementos estrangeiros ou nacionais, tidos como mais aptos, competentes e produtivos. Assim, como “ganhar a vida”, surgia como um grave dilema para o negro e o mulato. [...] Os demais – e com eles o grosso da “população de cor” – teriam que aguardar o futuro, mobilizando apenas parcialmente sua capacidade de trabalho e desfrutando um nível rústico, pré-capitalista, e anti-urbano (FERNANDES, 1965, p. 105).

Nesse impasse, acredito que o discurso caroliniano reivindica um terceiro espaço de enunciação, pois ele instaura-se dentro desse processo de acomodação que se deu nesse período específico no Brasil, principalmente no aspecto sociocultural, quando singulariza a questão do negro frente aos novos postos de trabalho.

O negro foi desinteressando-se pela vida de colono, fugia das fazendas levando apenas uma trouxa de roupas. Os seus pertences ficavam na fazenda. Voltava à cidade. Ia trabalhar em qualquer coisa e morava nos porões italianos, ou nos barracões (JESUS, 1986, p. 27).

A não acolhida desses indivíduos às mínimas condições de sobrevivência demarca a instalação de um Estado notoriamente excludente, que, posterior à Abolição da Escravatura (1888), prossegue dedicando ao negro apenas o trabalho servil. Acredito que Carolina Maria de Jesus manifesta-se como uma *figura complexa de diferença e de identidade*, já que a provável data de seu nascimento (1914)<sup>3</sup> e sua infância transcorrem,

3 Há diversas contendas no que se refere à data específica do nascimento de Carolina Maria de Jesus. Há quem afirme que ela tenha nascido entre os anos de 1913 e 1921, como citam os autores Robert Levine e José Carlos Meihy, em *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994). Já a pesquisadora Raffaella Fernandez (2015) aponta que a história de seu nascimento é um tanto fragmentada e desconexa, assim como sua escritura. Ela relata que a data que mais se aproxima de seu nascimento fica por volta de 1914, o que pode ser lido por meio de folhas manuscritas que compõem uma versão

aproximadamente, nesse período, em que os reflexos do regime escravocrata ainda eram sentidos e perpetuavam-se na sociedade brasileira. Penso, portanto, que sua narrativa aloca-se nesse interstício em que se discutem, negociam-se, disputam-se valores culturais, identidades e vozes de emergência.

Em *Diário De Bitita*, o fato de Carolina desenraizar-se de sua terra natal, ocasionando a perda de sua territorialidade, demonstra como essas pessoas são arremetidas para condições de miserabilidade intensa e visibilidade nula. Nesses deslocamentos empreendidos pelo discurso de Carolina Maria de Jesus, acredito que ela vai compondo sua trajetória a título de saga, em que a predestinação dá-se pelo simples fato de se manter viva, sobrevivendo em condições tão adversas. Junto ao seu relato, une-se o discurso de seu povo, expresso pelo diálogo com os entes familiares, como seu avô, sua mãe e suas tias, que se assemelham à categoria de Carolina.

O discurso da narradora abre pressupostos de entendimento para o discurso de seus interlocutores e carrega a marca daqueles seres que se mantinham invisíveis, como sujeitos impedidos de enunciarem suas próprias posições. Logo, esse discurso emerge como uma carga de grande teor político, já que, nessa exclusão, é pressentido o lugar em que os negros, obliterados como sujeitos sociais, iriam concebendo suas identidades, suas existências.

## 2. Traduzindo Carolina Maria de Jesus

O nome de Carolina Maria de Jesus não poderia ter ficado restrito a um evento específico, ou seja, ao alcance da obra *Quarto de Despejo*, que vendeu muito, inclusive no exterior. Para o jornalista Audálio Dantas, editor da obra, Carolina inaugurou uma nova forma de vender livros no Brasil, como afirma Sousa:

Um livro assim, forte e original, só poderia gerar muita polêmica. Para começar, ela rompeu a rotina das magras edições de dois, três, mil exemplares, no Brasil. Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas de 100 mil exemplares (SOUSA, 2012, p. 56).

---

reduzida de seu *Diário de Bitita*, como afirma a pesquisadora (FERNANDEZ, 2015, p. 193).

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

235

Por isso, afora a compreensão que gira em torno do fenômeno editorial Carolina Maria de Jesus e da publicação do livro, penso em compreender o lugar dimensionado para esse corpo negro, feminino, nômade, que se pretendia artista e propunha-se a escrever em meio a tantas negativas<sup>4</sup>. Acredito que inscrever o nome Carolina Maria de Jesus como escritora vem do entendimento da manifestação de um discurso específico, propagado em um tempo histórico específico, em que as condições para assimilação dessa narrativa eram completamente refeitas ou improváveis.

Acredito que essa perspectiva coaduna-se aos estudos do teórico indo-britânico Homi Bhabha (2013). No capítulo “Compromisso com a teoria”, o autor questiona sobre a condição de a teoria crítica ocidental estar alicerçada na “simples inversão da relação opressor e oprimido, centro e periferia, imagem negativa e imagem positiva” (p. 47), cujo interesse apenas reforçaria, segundo ele, “um pretense binarismo, ou a representação dos antagonismos sociais” (BHABHA, 2013, p. 47).

O autor propõe outro espaço de intermediação em que se escape desse contrassenso, sugerindo o espaço da negociação, ou tradução, em que busca “[t]razer à tona o “entre-lugar”, [...], que não é contraditório, mas apresenta, de forma significativa, no processo de sua discussão, os problemas de juízo e identificação que embasam o espaço político da enunciação (BHABHA, 2013, p. 62).

Entendo que o discurso de Carolina Maria de Jesus interpõe-se nesse *entre-lugar* sugerido por Homi Bhabha, pois promove que o sujeito da enunciação reivindique o seu espaço político da enunciação:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (JESUS, 1960, p. 155).

4 A pesquisadora Raffaella Fernandez (2015), por meio da análise dos manuscritos da escritora, capta uma linda imagem de Carolina Maria de Jesus ao compará-la à existência de um poeta-trapeiro na obra de Charles Baudelaire, tomado, nesse estudo, pela ótica de Walter Benjamin. Para a pesquisadora, a figura do chiffonnier, imerso nas ruas de Paris do Segundo Império, disposto a observar e recolher os restos, os farrapos para sobrevivência, alia-se àquilo que denominou como “a poética de resíduos” na obra de Carolina Maria de Jesus.

Esta análise segue a linha de raciocínio seguida por Bhabha, quando o autor defende que a arte do presente reside na observação das vidas que estão nas fronteiras, ou seja, em um processo de contínua movimentação. A partir desse entendimento e enveredando o olhar para a enunciação de uma escritora negra, que tem sua vida completamente obliterada por um limiar de perene invisibilidade dentro do contexto literário nacional, cabe focalizar “os processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais” (BHABHA, 2013, p. 20).

A narrativa de Carolina Maria de Jesus acontece nessa fenda da *diferença cultural* anunciada por Bhabha, a qual, aqui, manifesta-se como o ponto crucial da minha análise. Reconheço que a obra da escritora mineira também carrega como marca identitária os constantes deslocamentos, no sentido físico do termo, que se insinuam na movimentação por pontos geográficos peculiares, como é o caso do movimento de Sacramento (MG) a São Paulo (SP), por exemplo.

Nesse sentido, entendo que esse processo de se deslocar de uma cidade interiorana para uma grande metrópole arrasta consigo o sentimento daquilo que Bhabha postula como “[...] uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, [...], um movimento exploratório incessante” (BHABHA, 2013, p. 19).

Dentro do universo narrado pela autora, observo que existe esse movimento exploratório incessante de quem vive nas fronteiras do reconhecimento social, ético e solidário. Portanto, asseguro que Carolina executa um movimento de saga, marcada por diversos enfrentamentos que determinam essa trajetória nômade<sup>5</sup>. Na obra *Quarto de Despejo*, esse fluxo fica evidente em: “dizem que é nas grandes cidades é que os pobres poderiam elevar-se um pouco. A longevidade para o pobre só consegue no estado de São Paulo, onde o pobre tem possibilidade de comer todos os dias” (JESUS, 1960, p. 160); “atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 1960, p. 7). Nesses trechos, verifica-se o estágio de vulnerabilidade desse indivíduo que busca, incessantemente, agarrar-se a um Estado que não lhe garante acolhida, que promove tal senso de desorientação, atirando as pessoas para a margem.

Penso que os itinerários descritos no discurso de Carolina caracterizam-se pela vivência de quem está na fronteira daquilo que a cidade

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

237

---

5 A título de esclarecimento, essa significação remete aos diversos termos difundidos pela obra dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari.

e os poderes públicos podem oferecer-lhe em seu mínimo de tolerância. Acredito que esse indivíduo, tomado como sujeito de enunciação, aponta para outra identidade, uma identidade que não pode ser lida apenas como revelação do discurso unívoco da periferia. Assim, procuro entender o discurso como uma manifestação que se projeta buscando instituir a interlocução com o centro, que convenientemente o rechaça. Como verifico não haver esse embate no decorrer das duas obras, *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1986), questiono: Carolina dialoga com quem? Penso ser nessa fenda, nesse interstício ou nesse *entre-lugar*, como postula Bhabha (2013), que se instala o discurso da escritora, o qual está prenhe de significações, reivindicando o seu espaço dentro da organização da totalidade social.

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando à primitividade. Quem conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isso é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: “Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios devem ser ao alcance de todos” (JESUS, 1960, p. 32).

Por outro âmbito de análise, penso que o discurso de Carolina Maria de Jesus encontra amparo, mais uma vez, nos posicionamentos de Bhabha, quando o autor pretende: 1) *re-historicizar* o momento de “emergência do signo”; 2) reavaliar “a questão do sujeito”; 3) averiguar “a construção discursiva da realidade social” (BHABHA, 2013, p. 66). O autor parte da tentativa de entender que a teoria crítica contemporânea deveria apontar para outro lugar, “outro território de tradução” (BHABHA, 2013, p. 66).

O apontamento número um da teoria de Bhabha está na busca por *re-historicizar* a emergência do signo, o que significa reconhecer o discurso da escritora a partir da *diferença cultural* que ele instituiu. O autor entende esse termo como “um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (BHABHA, 2013, p. 69, grifos do autor).

Em *Quarto de Despejo* (1960), a utilização da forma coloquial do discurso de Carolina Maria de Jesus enquadra-se como uma formulação de *diferença cultural*, já que se distingue dos discursos reverenciados pelo cânone das produções nacionais, instituindo-se, por exemplo,

como a produção de um campo de força e de referência. É desse interstício ou *entre-lugar* que advém um discurso até então incompreendido e, portanto, passível de ser apagado. Ele faz-se presente pelo seu grau de potencialidade, que tanto fere quanto revela a condição de uma sociedade não antes enunciada por uma voz subalterna. Nesse sentido, penso que o seu discurso não a deprecie como escritora, muito pelo contrário, ele reforça a autoridade do sujeito de enunciação.

Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros. [...] Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga (JESUS, 1960, p. 30).

Em termos de análise, a questão do sujeito, na obra de Carolina, também dimensionado por Bhabha (2013) como segundo ponto de sua teoria, está na aceitação de outro sujeito da enunciação. Carolina é a figura subalterna que não era digna de ter seu discurso reconhecido: “sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou se queima ou se joga fora no lixo” (JESUS, 1960, p. 31-32). Nesse caso, considerar o sujeito que se pronuncia significa dar vazão ao entendimento de novas enunciações, significa desvendar o entendimento de outros discursos, como no seguinte caso: “o que aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (JESUS, 1960, p. 22-23).

Já a construção discursiva da realidade social, terceiro ponto enunciado por Bhabha, verifica-se no alcance que *Quarto de Despejo* teve, na década de 1960, já que a obra denuncia uma realidade social específica – o mundo da favela do Canindé, em uma cidade da grandiosidade de São Paulo. No caso de *Diário de Bitita* (1986), a construção da realidade social está na tentativa do negro em fazer parte de uma nova ordem social, quando o país estava em vias de se industrializar e se tornar mais progressista.

Insisto na ideia de que o discurso da escritora manifesta-se a título de saga, já que a construção de seu mundo narrado manifesta-se por meio da experiência vivida junto à fome, da condição de miserabilidade, da inacessibilidade aos meios de produção (mundo do

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

239

trabalho), da incapacidade de ser reconhecida como ente possível (alteridade), das ingerências de ser mulher (questões de gênero) e dos percalços que envolvem a questão do preconceito no Brasil. Tais elementos verificam-se em:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos extingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casas que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantêm o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 1960, p. 14).

O que Carolina Maria de Jesus suscita, em sua obra, e que converge com a ideia inicial de Bhabha (2013), é o fato de se considerar o seu discurso visto como um espaço de tradução, em que se manifesta um universo construído à margem. Sua narrativa reflete as tentativas de afastamento dos indivíduos de uma nova ordem econômica, a qual se fixou, no Brasil, a partir da metade do século passado. Visitar sua obra remete-nos a uma reflexão de um momento relevante da história brasileira, quando se procura entender os papéis sociais e os lugares de onde os indivíduos pretendem manifestar-se nessa sociedade.

Que suplício catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e a levo nos braços. [...] Tem hora que me revolto. Depois me domino. Ela não tem culpa de estar no mundo (JESUS, 1960, p. 16).

Considero o discurso de Carolina como a enunciação da *diferença cultural*, pois, nele, amplia-se a voz de uma parcela significativa da sociedade, vista como constitutiva da formação cultural brasileira. Em relação à problemática da *diferença cultural*, Bhabha compreende que, nos debates contemporâneos, “[...] o problema da interação cultural emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada” (BHABHA, 2013, p. 69).

A partir desse posicionamento do autor, posso inferir que a situação de fronteira significatória da cultura brasileira, em que reside a *diferença cultural* instaurada pelo discurso de Carolina, advém da questão de admissibilidade do negro como agente e força motriz, durante a instalação de um novo sistema político-econômico (capitalismo) no Brasil. Acredito ser nesse interstício que se instauram os significados e os valores mal lidos da problemática da integração do negro à sociedade de classes. No Brasil, essa situação é nítida e torna-se mais clara a partir do pensamento de Florestan Fernandes, que cito, novamente, para ilustrar o quadro:

Como não se manifestou nenhuma impulsão coletiva que induzisse os brancos a discernir a necessidade, a legitimidade e a urgência de reparações sociais para proteger o negro (como pessoa e como grupo) nessa fase de transição, viver na cidade pressupunha, para ele, condenar-se a uma existência ambígua e marginal (FERNANDES, 1965, p. 5).

A análise da obra de Carolina Maria de Jesus converge, portanto, para uma leitura de seu discurso como *diferença cultural*. Busco, em sua obra, os signos e os valores que remetem para a construção de uma narrativa que não esteja vinculada à tradição de representação cultural. Nesses termos, Bhabha defende a intervenção do terceiro espaço da enunciação:

A intervenção do Terceiro Espaço da enunciação, que torna a estrutura de significação e referência um processo ambivalente, destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é em geral revelado como um código integrado, aberto, em expansão. Tal intervenção vai desafiar de forma bem adequada nossa noção de identidade histórica da cultura como forma homogeneizante, unificadora, autenticada pelo Passado originário mantido vivo na tradição nacional do Povo (BHABHA, 2013, p. 73-74).

Traduzir a obra de Carolina Maria de Jesus representa entender o *entre-lugar* de onde incide o seu discurso, reverberado por meio dos espaços deslizantes da *diferença cultural*. Outro propósito está em compreendê-la a partir do terceiro espaço da enunciação, promovendo uma investigação fora dos preceitos moralistas, preconceituosos ou generalizadores.

Carolina  
Maria de Jesus  
- de Bitita a  
Quarto de  
Despejo

---

241

Como anuncia Bhabha, “o terceiro espaço funciona como algo que acompanha ‘a assimilação dos contrários’ que cria a instabilidade oculta que pressagia poderosas mudanças culturais” (BHABHA, 2013, p. 75).

## Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010.

Janáína da  
Silva Sá

242

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Traduzido por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca**. v. 1. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

FERNANDEZ, R. A. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. 315f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2015.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Círculo do Livro. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

\_\_\_\_\_. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LEVINE, R.; MEIHY, J. C. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

SOUSA, G. H. P. de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

Recebido em fevereiro de 2018

Aceito em abril de 2018